

ANO CATEQUÉTICO NACIONAL E NOVOS PARADIGMAS DA CATEQUESE APRESENTAÇÃO DO DIRETÓRIO NACIONAL DE CATEQUESE

(National Catechetical Year and new paradigms of catechism:
Presentation of the National Directory of Catechism)

*Luiz Alves de Lima SDB **

Introdução

A catequese é uma importante atividade da Igreja; está ligada à Evangelização e transmissão da fé. Ela pertence ao DNA da Igreja: sempre existiu desde seus inícios, quando os discípulos de Jesus saíram pelo mundo anunciando a Boa Nova (evangelização) e aprofundando a fé daqueles que por Ele optavam (catequese). Ela deveria ir muito mais além da preparação de crianças e adolescentes para os sacramentos da Eucaristia e da Crisma. Sua finalidade primeira é formar *discípulos missionários* de Jesus Cristo, é fazer crescer na fé, é levar à plena maturidade o compromisso com o Evangelho, tanto de adultos como de jovens, adolescentes e crianças.

A Igreja tem feito grandes esforços para renovar a catequese. Os desafios são imensos, pois o clima que se vive hoje na sociedade não favorece o seguimento de Jesus e de seu Evangelho, como era, em geral, muito co-

* Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Artigo submetido a avaliação no dia 21/09/2009 e aprovado para publicação no dia 30/09/2009.

num nos tempos de crmandade, ou seja, quando toda a sociedade era impregnada da cultura cristã. De fato, os princípios do Evangelho fecundavam não só as famílias, mas também os costumes, as leis, a arte e a própria cultura.

Faltando hoje esse “clima cristão” na sociedade, a catequese procura colocar-se a serviço de uma verdadeira *Iniciação Cristã*: é um processo muito mais profundo e eficaz, que adota a dimensão *catecumenal* (não confundir com o *caminho neo-catecumenal*!); trata-se de uma transmissão da fé mais viva, existencial, bíblica, litúrgica e principalmente gradual.

Os princípios de uma catequese com metodologia catecumenal estão contidos no recente *Diretório Nacional de Catequese*. Ele traça os objetivos da catequese em geral, acentua a importância da Palavra de Deus, valoriza o testemunho de vida da/o catequista e da comunidade cristã, propõe um trabalho catequético em íntima união com a Liturgia e com todos os que nela trabalham; traça também algumas orientações sobre a organização da catequese nas comunidades, paróquias e dioceses.

Para dinamizar e estimular a prática desse *Diretório* a Igreja no Brasil instituiu o *Ano Catequético Nacional* que estamos vivendo em 2009¹. Em 1959 era promovido o *primeiro* ano catequético: seu ponto alto foi o *Congresso Catequético Nacional*, em Belo Horizonte. Tomando como motivação essa efeméride (50 anos do *Primeiro Ano Catequético*), foi instituído o atual *Ano Catequético Nacional*; mais que a comemoração de um cinquentenário, ele quer ser uma ocasião para movimentar toda a Igreja do Brasil em torno da catequese, e sobretudo do aprofundamento das orientações do *Diretório Nacional de Catequese*.

A renovação do Vaticano II gerou um novo *modelo de catequese*; as comunidades eclesiais passaram a favorecer uma educação da fé mais ligada à vida, aos problemas sociais e à cultura. Cresceu a organização da catequese, a opção pelos pobres e intensificou-se a formação de catequistas. Muitos eventos pós-conciliares ajudaram a impulsionar a catequese, particularmente a publicação de *Catequese Renovada* (1983), com seus eixos centrais: a Bíblia como texto principal, os momentos celebrativos, o princípio de interação fé e vida, o valor e a importância da caminhada da comunidade de fé como ambiente e conteúdo da educação da fé. Iremos voltar a esses temas mais na frente.

Durante o século XX a Igreja, em nível universal, continental, nacional e local, produziu muita reflexão e esforço de renovação da catequese. Em

¹ Sobre a história do *Ano Nacional de Catequese* e sua ligação com o *Diretório Nacional de Catequese* pode-se consultar: J.S. SANTOS, “Ano Catequético Nacional: passado e presente”. Contexto histórico do Ano Catequético Nacional: 1959-2009”, *Revista de Catequese* 32 (2009/nº 125) 41-47; M.A. BARBOZA, “Catequese caminho dinâmico de fé”, *Revista de Catequese* 32 (2009/nº 126) 50-53.

1997 a Sé Apostólica publicou o *Diretório Geral para a Catequese (DGC)*², síntese de tudo o que de melhor fora escrito até então sobre catequese. Justamente oito anos após esse *DGC* foi aprovado, em 15 de agosto de 2005, pela CNBB, o *Diretório Nacional de Catequese (DNC)*³. É o nosso mais importante documento sobre a educação da fé, uma vez que ele consolida princípios e orientações dos últimos 50 anos e abre novas perspectivas para os tempos de hoje.

Em 31 de maio de 2007, portanto um ano e nove meses depois, concluiu-se a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em *Aparecida*, com seu iluminado e grandioso documento. Podemos dizer que o *DNC* de certa maneira antecipou as grandes linhas de ação evangelizadora de *Aparecida*, principalmente no que se refere à transmissão e educação da fé. Os dois documentos nasceram no mesmo *clima de evangelização* que hoje perpassa toda a Igreja.

Aqui exporemos brevemente numa primeira parte, a gênese do *DNC*, e numa segunda parte, algumas de suas linhas principais e opções de fundo⁴.

I – Gênese e desenvolvimento do Diretório Nacional de Catequese

1. Antecedentes: a dimensão sócio-transformadora da pastoral e da catequese

A renovação da Igreja trazida pelo Vaticano II aportou na América Latina principalmente através da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín, no ano de 1968. As perspectivas para a *educação da fé* revestiram-se então de características marcantes: são influenciadas por uma eclesiologia e cristologia que levam seriamente em conta os conflitos socioeconômicos da época, as situações sofridas dos mais pobres, e

² CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório Nacional de Catequese*, 1ª ed., São Paulo: Paulinas, 1998 (4ª ed., 2009).

³ CNBB, *Diretório Nacional de Catequese* (= Publicações da CNBB 1), Brasília: Edições CNBB, 2006, 224 pp.; ID., *Diretório Nacional de Catequese* (= Documentos da CNBB 84), São Paulo: Paulinas, 2006, 288 pp. O espaço de tempo entre a aprovação da CNBB e sua publicação se explica pela demora da Sé Apostólica em apresentar suas “observações” e sua *recognitio* 13 meses depois.

⁴ Para maior documentação do que aqui se afirma, pode-se consultar L. ALVES DE LIMA, “Gênese e desenvolvimento do *Diretório Nacional de Catequese*”, *Revista de Catequese* 29 (2006/nº 116) 6-25; ID., “Novos paradigmas para a catequese no Brasil”, *Revista de Catequese* 30 (2007/nº 117) 6-17.

procura transmitir a Palavra de Deus não de um modo abstrato ou só voltado para os aspectos “religiosos” e “espirituais”, mas também uma *Palavra encarnada* nas situações concretas das pessoas e das comunidades.

Fala-se não só da *libertação do pecado*, mas também de todas as suas consequências pessoais e sociais. Esta *dimensão social e transformadora* da catequese, como em geral de toda pastoral, não foi isenta de críticas e contestações, tanto dentro como fora da Igreja. Como também não faltaram perseguições nos anos 60 a 80 e até mesmo martírios entre catequistas, principalmente na América Central.

No Brasil, os esforços de renovação marcados por esta dimensão sociolibertadora tiveram sua consagração no documento da CNBB *Catequese Renovada: Orientações e Conteúdo (CR)*, de 1983⁵. Valoriza-se então o processo de educação da fé a partir da vida de fé da comunidade cristã, sendo ela mesma considerada como fonte, lugar e meta da catequese; a dimensão eclesial cresce sobremaneira. A *Bíblia* assume cada vez mais um lugar central na catequese, considerada como um *ministério da Palavra de Deus*, e como o *texto* por excelência da educação da fé. A catequese, inspirada pela concepção de *revelação divina* da *Dei Verbum*, procura ser coerente com a *pedagogia divina*, ou seja, com os *processos* pelos quais Deus educa seu povo a partir das realidades da vida (dimensão histórica da revelação).

À luz desta “encarnação da Palavra de Deus” a catequese tornou-se mais cristocêntrica. Desenvolveu-se o princípio de *interação entre fé e vida*, dando à catequese uma característica transformadora e libertadora. A *opção preferencial pelos pobres* veio não só acentuar os destinatários principais, mas também renovou *conteúdos* e *metodologia* que daí decorrem. O eixo central que permeia a apresentação da mensagem da catequese é o da *comunhão-participação* num processo comunitário. Cresceu em importância a figura do *catequista*, sua formação pessoal, teológica, espiritual e pedagógica. Dando importância à dimensão comunitária e à transmissão da fé bem por dentro da vida das pessoas, a catequese não poderia deixar de considerar cada vez mais o mundo dos *adultos* como destinatário ou interlocutor privilegiado.

Nos anos 80 e 90 o movimento catequético se voltou para os aspectos ligados à inculturação das expressões da fé. O princípio metodológico da *interação entre fé e vida*, que em geral considerava mais o aspecto sócio-político-econômico, começou a refletir também a importante *dimensão cultural*, seguindo as reflexões que no momento se faziam sobre a *nova evangelização inculturada*, por ocasião da celebração dos 500 anos da

⁵ CNBB, *Catequese Renovada: Orientações e Conteúdo* (= Documentos da CNBB 26), 37ª ed., São Paulo: Paulinas 2004, – um verdadeiro *best seller*! A primeira edição foi em maio de 1983.

primeira evangelização do continente americano (Documento de *Santo Domingo*, de 1992).

O advento do final do milênio, a importância dada à pós-modernidade e todo movimento cultural que daí brotou, motivaram a reflexão catequética a se preocupar com outros aspectos da educação da fé, como a *afetividade*, a maior valorização da *espiritualidade* e as exigências da *catequese urbana*. A crescente importância dos *adultos* como destinatários e interlocutores principais da catequese levou o movimento catequético brasileiro a se envolver intensamente com este tema. Assim em 2001 realizou-se a *II Semana Brasileira de Catequese* com o tema *Com Adultos, Catequese Adulta*, e o lema *Crescer rumo à maturidade em Cristo*. A mudança de terminologia a partir de então e integrada no novo *Diretório*, é proposital: não se fala de “catequese de adultos”, mas “com adultos”, para acentuar o protagonismo do leigo adulto no processo de educação da própria fé. Esta *Semana* foi um despertar para a educação da fé dos adultos suscitando novas experiências de catequese.

Tais perspectivas levaram a uma renovação da mentalidade catequética quer por parte da hierarquia (bispos e presbíteros) como também entre os responsáveis pela catequese e os catequistas de base. É verdade que tanto num ambiente como noutro, muitos resistem em renovar a própria concepção de catequese, ou mesmo a dar-lhe a devida importância, permanecendo com a tradicional e arcaica concepção de que catequese é atividade destinada a preparar crianças para primeira comunhão...

É preciso dizer também que a renovação catequética não foi, nem está sendo uniforme e generalizada. Em vários lugares no Brasil persiste uma prática ligada ao velho modelo catequético doutrinal, com alguma renovação pedagógica. Mas, em termos de proposta ou marco teórico, o avanço tem sido constante e promissor.

2. Necessidade de novas orientações para a catequese

a) Primeiros passos em direção a um Diretório

Após a II Semana Brasileira de Catequese, o Grupo Nacional de Reflexão Catequética (Grecat), órgão da *Dimensão Bíblico-Catequética* da CNBB, começou a refletir sobre a necessidade de uma reformulação e atualização do documento *CR* de 1983. De fato, ele já havia completado quase 20 anos e o ritmo acelerado das transformações da sociedade, assim como os apelos da Igreja com o advento do *Catecismo da Igreja Católica* e principalmente do *Diretório Geral para a Catequese* (= *DGC*; 1997), exigiam novos posicionamentos e perspectivas.

Da confluência destas duas exigências, nasceu a decisão de se elaborar um *Diretório de Catequese*. Dada a extensão do País e sua diversidade cultu-

ral, já havia sido decidido não elaborar um *catecismo nacional* ou *oficial* (cf. CR 161). Seria muito mais eficiente e mais de acordo com a teologia da encarnação, traduzida no princípio de *interação entre fé e vida*, elaborar *diretrizes gerais* e deixar para cada regional ou conjunto de regionais a confecção de um próprio *catecismo* ou *texto oficial de catequese*. O *Diretório* vem atender também a esta exigência.

Foi no interior do GreCAT, em fins de 2001, que surgiram as primeiras reflexões, elaboração de critérios e esquemas em vista de um *Diretório*. É importante registrar que desde o início optou-se por seguir o esquema do *DGC*, porém adaptando-o à realidade brasileira. Tal decisão foi mantida até a redação final. Assim, pode-se dizer que o *DNC* quis ser uma releitura brasileira do *DGC*.

Preparou-se um esquema bem amplo em seis partes correspondentes às cinco partes do *DGC*, mais uma correspondente à “Exposição Introdutória”, que no *DNC* seria parte integrante do texto. Elaborou-se, então, um texto com as justificativas, motivações, critérios de redação, com um primeiro projeto de *Diretório* para ser apresentado à Assembleia Geral (AG) dos Bispos do ano seguinte.

Tal *anteprojeto* foi discutido e aprovado pela 40ª AG da CNBB (abril de 2002). Foram também nomeadas as comissões de bispos, catequetas, liturgistas e teólogos para a elaboração do *Diretório*. Os trabalhos de redação do *DNC* sempre foram presididos por D. Albano Bortoletto Cavallin, então arcebispo de Londrina (PR), que já havia estado, em 1983, à frente da redação do documento CR.

b) Redações iniciais

Com o aval da AG iniciou-se o trabalho de redação. No GreCAT distribuiu-se o trabalho entre os vários membros. Originalmente, pois, os vários capítulos do *DNC* foram escritos por pessoas diferentes, mas o texto foi longamente analisado, criticado, discutido, emendado, retrabalhado, reescrito e refeito tanto pela comissão redatora, como por todo o GreCAT, por biblistas, liturgistas, teólogos e outros estudiosos e catequistas de base.

O texto, já bem desenvolvido, em fevereiro de 2003, estava assim organizado: uma ampla *Introdução* e seis capítulos: I – *Visão pastoral da realidade*; II – *A catequese na missão evangelizadora da Igreja*; III – *A mensagem evangélica a ser transmitida*; IV – *A pedagogia de Deus e a pedagogia hoje*; V – *Os interlocutores da catequese*; VI – *A catequese na Igreja local*. Particular dificuldade apresentou o cap. IV sobre a *mensagem da catequese*: os redatores queriam deliberadamente desenvolver mais o tema da *Bíblia* do que do *Catecismo da Igreja Católica*, uma vez que o *DGC* faz o inverso... Para o Brasil seria importante insistir mais sobre a *Bíblia* do que sobre o *Catecismo*. Como veremos, as “observações” romanas pediram para reconsiderar este ponto.

D. Albano Cavallin, presidente da comissão episcopal, insistiu para que se acrescentasse um capítulo no início, com uma síntese do movimento catequético a partir do documento *CR*. Assim, deveria ficar claro que o novo *DNC* não seria uma ruptura, mas um processo de continuidade com tudo o que havia sido feito antes na reflexão e na prática catequética no Brasil.

Já com 7 capítulos, e muitas contribuições, principalmente dos liturgistas, o texto foi apresentado à 41ª AG da CNBB (maio 2003). Nela os bispos tiveram contato, pela primeira vez, com uma redação completa do *Diretório*. O coordenador de redação, Pe. Luiz Alves de Lima, sdb, falando do texto nessa Assembleia, disse que a partir do *DGC* de 1971 ampliou-se o conceito de *diretório*: “é como que um manual ou compêndio de catequética, com um complexo de princípios, critérios e diretrizes de natureza bíblico-teológica e metodológico-pastoral [...] [P]retende também ter um caráter mais teológico-pastoral, do que jurídico-normativo, apontando para a prática concreta da ação catequética; nele encontramos, sobretudo, critérios inspiradores para a ação catequética e não tanto indicação de normas imperativas como poderia sugerir, talvez, a palavra *diretório*; mais do que proporcionar fórmulas e normas imediatas para a catequese, o *Diretório* esclarece sua natureza e finalidade”⁶.

c) Dois Instrumentos de Trabalho

Integrando as muitas emendas e sugestões, preparou-se a *primeira edição do texto* na forma *Instrumento de Trabalho I* como versão provisória, publicado em julho de 2003⁷. Foi amplamente divulgado e estudado tanto por especialistas (teólogos, biblistas, liturgistas...), como por coordenadores e catequistas de todo o País. Recebeu especial contribuição da *Comissão Nacional de Liturgia*, com a qual foram discutidos os conceitos de *catequese, iniciação cristã, mistério, natureza sacramental da Liturgia, catecumenato, símbolo na liturgia e na catequese, ritos, dimensão catecumenal da catequese, liturgia e celebrações litúrgicas, o significado e conteúdo do Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA)*, etc.

Ao se elaborar posteriormente o *Instrumento de Trabalho II* (não publicado) acrescentou-se ao cap. IV uma substancial parte sobre a *Liturgia*, considerada como fonte e vértice da vida eclesial, permeando também toda a educação da fé. Portanto, conforme o *DNC* a mensagem da catequese se encontra nestas três grandes vertentes da Palavra de Deus: a Bíblia, a Liturgia e o Catecismo. Outra modificação significativa: o último capítulo

⁶ Cf. L. ALVES DE LIMA, “Apresentação da 1ª Redação do *Diretório Nacional de Catequese*”, *Revista de Catequese* 26 (2003/nº 102) 55-60, aqui pp. 55-56.

⁷ CNBB, *Diretório Nacional de Catequese: Instrumento de Trabalho I, Versão provisória*, Brasília: Centro de Pastoral Popular, 2003.

foi dividido em dois capítulos; o novo cap. VII recebeu o título de *Ministério da catequese e seus protagonistas*; e o cap. VIII ficou com o título: *Lugares da catequese e sua organização na Igreja Particular*.

Objeto de discussões e de tomada de posição foi a proposta que faz o DNC de institucionalizar o *ministério da catequese*. Ao final ficou acordado que “a institucionalização do *ministério da catequese* poderia ser sugerida pelo DNC, mas a decisão final ficaria por conta de cada diocese”⁸.

Já com sua estrutura definitiva (duas partes com 4 capítulos cada uma), o texto foi distribuído e estudado durante a 42ª AG, de 2004. Novas críticas e contribuições foram feitas, que, integradas ao texto, foram publicadas com o título: *A caminho do Diretório Nacional de Catequese. Instrumento de Trabalho III, Versão provisória*⁹, também amplamente divulgada e estudada nas dioceses. Tais *textos provisórios* foram publicados para envolver o maior número possível de pessoas na elaboração do documento.

3. Aprovação do DNC na 43ª Assembleia Geral da CNBB

Mais uma vez, elogios e questionamentos surgiram das discussões durante a assembleia episcopal. A equipe redatora analisou as 129 emendas e observações apresentadas, integrando-as no texto. A parte referente à *Revelação e Palavra de Deus* como fundamento da catequese (atuais n°s 19-28) sofreu modificações, com interpolação de vários textos da *Dei Verbum*. A descrição do *catecumenato* ficou mais de acordo com a terminologia do RICA.

O texto emendado foi apresentado à Assembleia no dia 15 de agosto. Após algumas intervenções, realizou-se a votação definitiva cujo resultado foi a aprovação integral do DNC, sem nenhum voto negativo e apenas 3 votos em branco. Ao ser proclamado tal resultado, um longo aplauso selou este árduo trabalho, iniciado cinco anos antes.

4. As observações da Sé Apostólica. Reconhecimento e publicação

O documento uma vez aprovado, foi imediatamente enviado, através da Nunciatura Apostólica, à *Congregação para o Clero* que, tendo-o examinado minuciosamente, foi encaminhado para a *Congregação para a Doutrina da Fé*.

⁸ Cf. “O estágio atual da redação do *Diretório Nacional de Catequese*”, *Revista de Catequese* 27 (2004/n° 105) 47-53, aqui p. 51.

⁹ Cf. CNBB, *A caminho do Diretório Nacional de Catequese: Instrumento de Trabalho III, Versão provisória*, Brasília: Centro de Pastoral Popular, 2004, em formato de brochura.

Após 13 meses de espera chegaram as *observações* das duas *Congregações*, num único texto¹⁰. Nelas não se fala em “aprovação”, mas sim em *recognitio*. Diz: “a Congregação para o Clero examinou com particular cuidado o Texto em pauta, também considerando o fato de tratar-se do *Directorio* de uma grande e nobre Nação, para a qual muitas outras Igrejas latino-americanas olharão como viva atenção e interesse”.

Quanto aos *aspectos positivos* reconhece o grande valor do texto, a fidelidade à doutrina da Igreja e ao mesmo tempo um incentivo diante dos grandes desafios atuais. Declara que o Texto acolhe suficientemente as indicações do *DGC*, até nos detalhes, e por isso merece um parecer positivo. Afirma que o *DNC* poderá ser um grande impulso para uma autêntica evangelização e catequese, se os responsáveis, nos vários níveis, tiverem a coragem e a força para assumir tão ricas orientações e traduzi-las em novas e renovadas opções.

Com relação ao cap. IV (*Catequese: mensagem e conteúdo*) observa que o *DNC* atribui um papel tão central à Bíblia na catequese que parece considerá-la única, de tal modo que a tão falada qualidade de fonte da *liturgia* e, sobretudo, a afirmada presença do *Catecismo da Igreja Católica* e seu *Compêndio*, aparecem mais coexistentes do que adequadamente correlatos à Sagrada Escritura. Num texto bastante severo reclama que no Brasil o *Catecismo da Igreja Católica* foi minimizado e que por vezes se faz mau uso da Escritura...¹¹

Nota que a tradicional expressão brasileira “Bíblia livro por excelência da catequese” não é muito exata; outros episcopados usaram a mesma expressão, mas colocando entre aspas a palavra *livro...*, para não dar a entender que podemos encontrar na Bíblia a totalidade do conteúdo da catequese... E cita *Dei Verbum* n° 9: “não é através da Escritura apenas que a Igreja deriva sua certeza a respeito de tudo o que foi revelado” [...] “a centralidade da Sagrada Escritura [no *DNC*] corre o risco de uma má compreensão de considerar a catequese [bíblica] como ‘auto-suficiente’, isolando-a daquilo que o *DGC* chama de ‘outras fontes’ “. Conclui pedindo que seja mais bem esclarecido no texto do *DNC* o nexos entre *Bíblia* e *Catecismo da Igreja Católica*.

¹⁰ Trata-se do protocolo n° 20051678 da CONGREGATIO PRO CLERICIS, de 12 de julho de 2006, assinado por Mons. Csaba Fernyák, secretário da *Congregação para o Clero*, com uma carta de apresentação ao Secretário Geral da CNBB, Dom Odilo Scherer. As “observações gerais” vieram em italiano (3 páginas), ao passo que as “observações particulares” foram redigidas em português (6 páginas). Já o texto da *Congregação para a Doutrina da Fé* estava em italiano (3 páginas).

¹¹ O texto da CONGREGAÇÃO PARA O CLERO se refere ao uso impróprio no *DNC* de uma tradução da Bíblia, muito usada no Brasil, quando de fato se deveria usar apenas a tradução da *Bíblia da CNBB*. Na verdade, os redatores do *DNC* tiveram como critério usar tão somente a tradução oficial da CNBB; porém, na revisão final, escaparam apenas 2 ou 3 citações, mas foi o suficiente para uma forte chamada de atenção dos revisores romanos.

Por fim, o documento romano surpreende-se com a afirmação sobre as dificuldades de um *catecismo unitário* da CNBB para nosso imenso país; pede que tal afirmação seja revista para não diminuir o *Catecismo da Igreja Católica* que deve ser considerado texto de referência seguro e importante na elaboração dos catecismos nacionais (cita *Fidei Depositum* n° 4).

Nas “observações particulares” são feitas observações de menor natureza, sempre no sentido de esclarecer melhor os conceitos, não deixando margem alguma para segundas interpretações. Neste sentido, faz também sugestões de interpolação de vários textos do Vaticano II ou *DGC*. Pediu-se que o trecho sobre “leitura libertadora” fosse harmonizado com os termos do *DGC* como se encontra no n° 110 da versão publicada.

As observações da *Congregação para a Doutrina da Fé* foram mais exatas e pontuais, dando inclusive a motivação das mudanças sugeridas. Pedeu-se também a interpolação de textos do Vaticano II.

Todas estas *observações* serviram, sem dúvida, para melhorar o texto, apurá-lo, torná-lo mais exato. Contudo, ao lado de um maior alongamento do texto (que em si já era volumoso), a tão suspirada *releitura brasileira* do *DGC* ficou por vezes prejudicada, em favor de uma interpretação mais *romana*.

Em reunião da Comissão Episcopal e equipe de redação cada uma dessas *observações* foi avaliada, discutida, acatada e inserida no texto, com as devidas modificações. O texto refeito seguiu imediatamente para Roma, que, em menos de um mês, o devolveu com a *recognitio*. Finalmente, o *DNC* foi lançado oficialmente em solenidade realizada em 25 de outubro de 2006, em Brasília.

Em sua apresentação, escreveu o então Secretário Geral da CNBB, D. Odilo Scherer: “O *Diretório Nacional de Catequese* é fruto de um grande trabalho de colaboração. Milhares de mãos o elaboraram ao longo de mais de três anos, por meio de um rico processo participativo. E a CNBB, em três Assembleias Gerais sucessivas, examinou e aperfeiçoou este texto. Mesmo assim, o *DNC* não é um documento acabado, porque a catequese é dinâmica, criativa, atenta às necessidades, desafios e potencialidades do mundo e da Igreja”.

II – Algumas características marcantes do novo Diretório Nacional

1. Pontos de contato e de divergência entre o Diretório Geral e o Nacional

Nosso *DNC*, como já se disse, mantém o esquema geral do *DGC* da Sé Apostólica, com adaptações à nossa realidade, refletindo a renovação havida nestes últimos 50 anos.

Diferente do *DGC*, esse *DNC* divide-se em duas partes: na *primeira*, de caráter mais de iluminação, são tratados os *fundamentos teológico-pastorais* da catequese, a partir da renovação pós-conciliar. Compõe-se essa primeira parte de quatro capítulos: inicia-se apresentando as conquistas do recente movimento catequético brasileiro. A seguir é aprofundado o tema da *revelação e catequese*, correspondendo à primeira parte do *DGC*; aí a catequese se apresenta bem dentro da missão evangelizadora da Igreja, como atividade de iniciação à fé: é o capítulo mais teológico e fundante da catequese. Após ter sido esclarecida a verdadeira tarefa da catequese, faz-se, então, uma leitura da nossa realidade brasileira e da história como *lugares teológicos* da manifestação de Deus, correspondendo à *Exposição Introdutória* do *DGC*. A *mensagem e conteúdo* da catequese são considerados no quarto capítulo, destacando-se a *Bíblia*, a *liturgia* e os *catecismos*.

A *segunda* parte, de caráter mais prático, se compõe também de quatro capítulos: primeiramente analisa a *pedagogia catequética* tendo como fundamento a pedagogia divina, modelo da educação da fé pretendida pela catequese. Enumeram-se no capítulo sexto os *destinatários*, considerados como *interlocutores* no processo catequético. O cap. VII trata do *ministério da catequese* com seus protagonistas, principalmente os catequistas e sua formação; por fim, no cap. VIII, são analisados os *lugares* e a *organização* da catequese na Igreja local.

Sinteticamente: Introdução; **I Parte: Fundamentos teológico-pastorais da catequese:** 1. Movimento catequético pós-conciliar: conquistas e desafios; 2. A catequese na missão evangelizadora da Igreja; 3. Catequese contextualizada: história e realidade; 4. Catequese: mensagem e conteúdo. **II Parte: Orientações para a Catequese na Igreja Particular:** 5. Catequese como educação da fé; 6. Destinatários como interlocutores no processo catequético; 7. O ministério catequético e seus protagonistas; 8. Lugares da catequese e sua organização na Igreja particular; Conclusão.

Analisando a estrutura do *DGC* e do *DNC*, percebem-se algumas diferenças. Assim, o *DGC* é composto de cinco partes com vários capítulos, ao passo que o *DNC* está estruturado em 2 partes com quatro capítulos cada uma. Por outro lado, os oito capítulos do *DNC* refletem as cinco partes do *DGC*, com seus capítulos. As adaptações à realidade brasileira, entre outras coisas, consistiram em acrescentar 3 capítulos àquelas cinco partes do *DGC*. Aquilo que no *DGC* era uma simples “Exposição Introdutória”, tornou-se um capítulo importante no *DNC* (o terceiro) intitulado: “Catequese contextualizada: história e realidade”.

Tal mudança foi proposital e reflete a tradição recente da América Latina, sobretudo do Brasil: dar importância à realidade histórica, social, cultural. Afirma-se logo no início deste capítulo III: “A Igreja faz parte da história. Ela está situada no contexto social, econômico, político, cultural e religioso, marcado atualmente pela globalização neoliberal de mercado e pelo

pluralismo. Em nossa complexa realidade brasileira, predomina uma matriz cultural cristã. O mandato missionário de Jesus coloca cada discípulo e a Igreja, em qualquer lugar, como sal, luz e fermento. A catequese, como ministério da Igreja, leva em conta as situações específicas de cada lugar e as condições próprias de cada grupo de catequizandos” (nº 59).

Portanto, não se contenta apenas em fazer uma “exposição introdutória” da *situação* (como se faz no *DGC*) para nela anunciar o evangelho, mas ela é considerada como *locus theologicus* da manifestação da Palavra de Deus (cf. cap. III, título 1 com a respectiva nota).

Note-se também que esse cap. III (uma espécie de *ver*, dentro do método *ver-iluminar-agir-celebrar*, com um duplo olhar: história passada e história presente) não está situado no início, como logicamente poderia parecer. De fato, em geral, ao se tratar de um problema, faz-se a *análise da realidade*, vendo quais são os principais problemas, como se apresentam, qual é o seu contexto... etc.

No *DNC* optou-se por situar esse cap. III após a apresentação da plataforma de sustentação da catequese (teologia da revelação, catequese a serviço da Palavra de Deus, definição da natureza, finalidades e objetivos da catequese), e a descrição da sua identidade, como se apresenta no cap. II. Ou seja: olha-se para a realidade desafiante do mundo de hoje somente após a *declaração de princípios*, após ter assentado a catequese em sólidas bases bíblico-teológicas. É a partir dessa sólida visão teológico-pastoral que podemos nos debruçar sobre a *análise da realidade*. Esta inversão com relação ao tradicional método *ver-iluminar-agir* já vinha sendo adotada desde a Conferência de Santo Domingo (1992). Apesar de alguns quererem ver em tal alteração um posicionamento ideológico, a comissão de redação julgou por bem mantê-la. É interessante notar que, posteriormente, Bento XVI em seus pronunciamentos no Brasil e o próprio *Documento Conclusivo* de Aparecida em 2007, retornaram a este tema!

Ainda com relação ao *DGC*, que trata longamente da educação religiosa escolar, o tema do *Ensino Religioso Escolar* é brevemente tratado no *DNC*, falando apenas de sua diferença com relação à catequese na comunidade e apresentando a *escola* mais como lugar de anúncio evangelizador e de diálogo com outras religiões, credos e culturas do que propriamente como lugar de “educação da fé cristã”, que tem seu lugar privilegiado no ambiente da *comunidade eclesial*. Neste sentido, enquanto o *DGC* trata da escola e da educação religiosa escolar no cap. III da quinta parte como um “lugar” de catequese, o *DNC* prefere situar este tema no final do cap. II da primeira parte onde se descreve a natureza evangelizadora da catequese, justamente para diferenciar o *ensino religioso escolar* e para falar da missão evangelizadora da escola (cf. *DNC* 54-58). Trata também brevemente da missão eminentemente evangelizadora da *escola católica* (*DNC* 57-58).

2. Catequese evangelizadora e cristocêntrica

O *DNC*, como não poderia deixar de ser, inspira-se na renovação teológica e pastoral do Vaticano II e na caminhada pós-conciliar da Igreja no Brasil. O título do cap. II, inspirado no tema da segunda parte do *DGC*, é muito sugestivo e significativo: “A catequese na missão evangelizadora da Igreja”. A catequese é considerada como parte desta única e grande missão eclesial do anúncio do Evangelho, e se coloca a seu serviço.

Vivemos em tempos mais de *evangelização explícita* do que em tempos de *crístandade*, quando “evangelizar” significava anunciar o Evangelho em terras estrangeiras. Hoje o desafio da Igreja é a *evangelização* do mundo, mesmo em territórios de antiga cristandade, como é o caso também do Brasil (cf. nº 29). Em muitos lugares vive-se em meio a culturas pagãs e às vezes pós-cristãs (cf. *DGC* 110; *CT* 57); daí a necessidade de continuamente *re-propor a essência do Evangelho, o querigma, o anúncio explícito de Jesus Cristo*. Já foi superado o modelo de catequese típico da Igreja de cristandade, quando as famílias e a própria sociedade favoreciam a *iniciação* à vida cristã. Não existindo mais este “contexto cultural cristão”, é necessário retornar ao anúncio explícito do Evangelho.

A catequese, como um segundo momento em relação a todo processo evangelizador, precisa ela mesma assumir as características da *evangelização*, seu ardor missionário, o núcleo querigmático, tornando-se uma “catequese evangelizadora”. Afirmo o *DNC*: “A atividade da Igreja, de modo especial a catequese, traduz sempre a mística missionária que animava os primeiros cristãos. A catequese exige conversão interior e contínuo retorno ao núcleo do Evangelho (querigma), ou seja, ao mistério de Jesus Cristo em sua Páscoa libertadora, vivida e celebrada na liturgia” (*DNC* 33). Catequese em seu *sentido específico* de aprofundamento da mensagem cristã (catequese doutrinal) só tem sentido quando esta mesma mensagem já for acolhida como alegre anúncio que impulsiona a um maior conhecimento e opção por Jesus Cristo. Daí também fica patente o *cristocentrismo* de toda catequese.

3. Sagrada Escritura como “livro” de catequese por excelência

A catequese renovada pelo Vaticano II baseia-se na *Palavra de Deus*, manifestada na Tradição (Bíblia, Liturgia, Santos Padres, Catecismos). O *DNC* reafirma aquilo que já é uma antiga conquista nossa: a Bíblia continua sendo o “livro por excelência” da catequese, e a comunidade cristã, o ambiente onde o catequizando ou catecúmeno devem crescer e viver a própria fé. As *observações* vindas de Roma chamaram a atenção para o fato de que o livro da catequese deveria ser propriamente o *catecismo* e não a *Bíblia*, citando a *Dei Verbum* nº 9 (cf. acima I, 4); sugeriu-se que a palavra *livro da catequese* aplicada à Bíblia fosse colocada entre aspas, o que, de fato, foi feito (*DNC* 107).

Tal preocupação, se por um lado se inscreve dentro da polêmica antiprotestante, por outro é muito justa em ambientes fortemente cristãos onde as Escrituras já são suficientemente conhecidas, e então o *catecismo* torna-se o livro de aprofundamento daquilo que apenas com as Escrituras não se pode ter acesso, com certeza, a tudo aquilo que foi revelado, conforme DV 9 já citada. Porém, num ambiente que exige uma forte evangelização, nova evangelização ou reevangelização, como é o caso do Brasil (e muitos outros países de mais antiga cristandade!), as Escrituras Sagradas ocupam o *primeiro lugar*, na frente e acima dos catecismos. E o melhor texto de catequese (ou *catecismo*) é aquele que orienta para o contato direto com a Palavra de Deus.

4. Catequese como iniciação cristã e de inspiração catecumenal

O importante papel da catequese, juntamente com a liturgia, de iniciar os cristãos nos mistérios da fé por meio de um sério e profundo *catecumenato*, ao longo da história foi absorvido pelas famílias cristãs e pela sociedade, assim chamada de cristã: foram os longos séculos do *catecumenato social*. Neste contexto a catequese permaneceu apenas com a função doutrinal, função que já possuía dentro do grande quadro da iniciação cristã.

Superando este conceito restrito de catequese, com o DGC o DNC assume a *dimensão catecumenal* como inspiradora de toda catequese. Mais do que a tradicional dimensão racional ou doutrinal da fé, a catequese torna-se *experencial, celebrativa, orante*. Dá importância aos *símbolos* e aos progressivos e graduais *passos na fé*, assumindo assim as características de um processo *iniciático (iniciação aos mistérios da fé)*. Neste sentido, também seguindo as propostas do DGC, o DNC assume a proposta de retomada do *catecumenato batismal* dos inícios do cristianismo como modelo de toda e qualquer catequese. Tal *dimensão catecumenal e iniciática* da catequese não é apenas para *catecúmenos* (adultos, jovens ou crianças que se preparam para o batismo), mas também para *catequizandos*: batizados adultos, jovens e crianças que necessitam de uma *re-iniciação* à fé ou mesmo necessitam completar a própria iniciação.

O RICA, livro litúrgico, é repropósito como paradigma da *dimensão catecumenal* da qual a catequese deve se revestir. Assim, ao logo de todo o DNC é proposta uma íntima união com a *liturgia*. É necessário retornar a essa inseparável ligação que havia entre catequese e liturgia no catecumenato primitivo. Essas duas dimensões da pastoral eclesial, que durante séculos estiveram separadas, precisam voltar a se reunir no esforço conjunto de proporcionar uma séria e profunda *iniciação cristã* aos nossos destinatários ou interlocutores. Tal consciência, já presente entre catequetas e liturgistas, cresceu sobremaneira ao longo da redação do DNC.

5. Com adultos, catequese adulta numa Igreja adulta

Este tema, muito presente no Brasil nestes últimos 25 anos, foi plenamente assumido pelo *DNC*. A catequese aí descrita está voltada preferencialmente para os adultos e jovens: as crianças são muito queridas e bem-vindas à catequese, mas a atenção principal de todas as forças catequéticas da Igreja deveriam se voltar para tantos adultos que foram batizados mas não evangelizados, nem suficientemente iniciados na fé. O objetivo da catequese não é apenas preparar para os sacramentos, mas para a mesma vida cristã, dentro da qual os sacramentos têm sentido, principalmente por parte dos adultos. Seguindo o *DGC* na apresentação dos *destinatários* ou *interlocutores*, em primeiro lugar são nomeados os adultos (cf. *DNC* 180-186). E ao longo do documento, todas as vezes que se fala da catequese evolutiva (conforme as idades), sempre se segue esta ordem: adultos, anciãos, jovens, adolescentes, pré-adolescentes e crianças.

Esta opção da catequese defronta-se continuamente com o problema *metodológico* que, ao fim e ao cabo, se torna também um problema de *conteúdo*. Com adultos é necessário fazer uma *catequese adulta*, que leve em conta sua adultez, maioridade, autonomia, independência e, sobretudo, sua situação de leigos e leigas. No século XXI uma catequese com adultos terá frutos somente se ela também for adulta, superando o crônico infantilismo religioso, fruto de uma Igreja paternalista e clericalista, encaminhando-se para a maturidade em Cristo que irá gerar igualmente uma Igreja adulta na fé.

6. Importância da pessoa do catequista e sua formação: o ministério da catequese

A pastoral catequética, tal como é proposta no *DNC*, privilegia o catequista e insiste muito em sua cuidadosa formação. Talvez uma das partes mais desenvolvidas deste documento seja o cap. VII, dedicado ao *ministério da catequese*. Como todo documento catequético, fala-se aí das diversas responsabilidades na Igreja, desde as comunidades, as famílias... até a figura do Bispo, o catequista por excelência. Mas, a parte dedicada ao catequista leigo e leiga e à sua formação é a mais bem desenvolvida. Entre tantos aspectos tratados, evidencia-se a formação pessoal do catequista como *discípulo* e *missionário* de Jesus Cristo (tema da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida), sua missão de testemunha e, sobretudo, sua espiritualidade bíblica e eclesial. Insiste-se bastante na necessária formação catequética do clero e dos futuros presbíteros.

No final desta parte dedicada aos catequistas o *DNC* ousa propor a instituição do “ministério do catequista” para aqueles que são “reconhecidamente eficientes como educadores da fé de adultos, jovens e crianças, e

estão dispostos a se dedicarem por um tempo razoável à atividade catequética na comunidade”. Tal *reconhecimento* do trabalho do catequista como um *ministério formalmente reconhecido* na comunidade quer valorizar o importantíssimo esforço dos educadores/as da fé. Houve resistências a este reconhecimento, também porque o *DGC* não dá acolhida a este ministério formalmente conferido¹². O *DNC* numa expressão bastante restritiva diz que tal ministério “*pode ser conferido oficialmente*” (*DNC* 245): ou seja, é uma decisão das Igrejas Particulares, avaliadas as próprias circunstâncias.

7. Uma catequese encarnada na história e libertadora

O documento anterior *CR*, elaborado em plena vigência das correntes teológicas da libertação nos anos 80, tinha um caráter marcadamente antropológico, voltado para a situação de pobreza econômica do povo e para a situação sociopolítica, vivida então sob a ditadura militar. O atual *DNC* surgido em outro contexto sócio-político-cultural, não tem certamente as mesmas perspectivas tão acentuadas. Entretanto, o modelo de catequese que apresenta é bastante *encarnado na história* e com aquela mesma dimensão antropológica que tanto tem caracterizado nosso pensamento e práxis pastoral latino-americana.

A figura de Jesus é sempre apresentada em seu amor misericordioso para com os mais pobres e humildes; sua pedagogia, seu “acolhimento às pessoas, preferencialmente aos pobres, pequenos, excluídos e pecadores” é exemplo para a catequese (*DNC* 141a); a opção pelos pobres é muitas vezes lembrada (13f-1, 51, 89, 92, 103-104), assim como a “leitura libertadora” da Bíblia” (113). Estão presentes também outras categorias de pobres: presos, soropositivos, tóxico-dependentes, prostitutas, sem terra, marginalização urbana, etc. (209), ou ainda as realidades sofridas do nosso povo, como o medo, a insegurança (213), a luta pela sobrevivência, o anonimato, a solidão (214).

A célebre proposta de uma catequese antropológica da *Conferência de Medellín* (1968) afirmando que “as situações históricas e as aspirações autenticamente humanas fazem parte do conteúdo essencial da catequese” (*Medellín* 8, 6), está citada no *DNC* conforme sua releitura feita pelo *DGC*

¹² Na verdade a nota 55 do nº 50 do *DGC* dá a entender que não aprova a instituição formal do ministério da catequese. Entretanto o mesmo *DGC* afirma no nº 221: “Ainda que toda a comunidade cristã seja responsável pela catequese, e ainda que todos os seus membros devam dar testemunho da fé, somente alguns recebem o *mandato* eclesial de ser catequistas. [...] A Igreja *confere oficialmente*, a determinados membros do Povo de Deus, especificamente chamados, a delicada missão de transmitir a fé, no seio da comunidade”. Estas últimas palavras são ressaltadas no nº 245 do *DNC* com *grifo*.

nº 117: “Na catequese bíblica, se ajudará a interpretar a vida humana atual, à luz das experiências vividas pelo Povo de Israel, por Jesus Cristo e pela comunidade eclesial, na qual o Espírito de Cristo ressuscitado vive e opera continuamente” (*DNC* 86 citando também *CR* 74). Essa dimensão histórico-transformadora deve ser lembrada e acentuada também porque o *DNC* privilegia muito a dimensão místico-espiritual ao relevar a importância do *catecumenato*.

Conclusão: por uma catequese evangelizadora de feição catecumenal

O novo *DNC* não rompe com o passado, mas em continuidade com o documento *CR* procura considerar outras perspectivas apresentando um novo paradigma, que, na verdade, é tão antigo quanto a Igreja: uma catequese profundamente cristocêntrica, experiencial, litúrgica, orante, ou seja: com dimensão catecumenal.

Por uma série de motivos históricos, a catequese chegou até nós muito marcada pela *dimensão doutrinal*, cuja expressão máxima são os catecismos escritos entre Trento e o Vaticano II. É importante dizer que estes textos, que tanto influenciaram beneficentemente a catequese nos últimos cinco séculos, são importantes, mas não esgotam as ricas dimensões do processo catequético. A educação da fé vai muito mais além do conhecimento das *formulações da fé*, tão bem sintetizada nos catecismos. Portanto, tanto o *Catecismo da Igreja Católica* (1992) como seu recente *Compêndio* (2005), são *instrumentos privilegiados*, mas traduzem apenas a dimensão do *conteúdo doutrinal*: o grande desafio é levar o catecúmeno e o catequizando ao verdadeiro “conhecimento” (no sentido joanino), isto é, à verdadeira *experiência* de Deus, de Jesus Cristo, da Igreja, dos Sacramentos, da vida cristã. E para isso, o mais importante é o contato vivo com a *Palavra de Deus* transmitida nas Escrituras, na vida concreta da Igreja, no testemunho dos cristãos, principalmente do catequista e de sua comunidade.

Muitos catequistas se esforçam por transmitir a *doutrina* dos catecismos para pessoas que não tiveram nem um *primeiro contacto* ou *impacto* com a Pessoa e a mensagem salvadora de Jesus. Daí dizer-se que a *evangelização* precede a *catequese*, ou melhor, que toda e qualquer catequese deve ser *evangelizadora e missionária*. Esta mudança de concepção da natureza da catequese talvez seja o nosso maior desafio: hoje a catequese precisa assumir as características da *evangelização*, tanto em sua dimensão de conteúdo (isto é, o *querigma*, o anúncio essencial do evangelho) como em sua metodologia (o testemunho direto de vida, o *ardor missionário*, a experiência litúrgica e celebrativa). Estas opções foram todas assumidas, ratificadas

e corroboradas pela V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida (maio de 2007), com o tema: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que todos, nEle, tenham vida!”.

Pe. Luiz Alves de Lima, salesiano, é doutor em Teologia Pastoral Catequética pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. É professor no Campus Pio XI do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, nas PUCs de Curitiba e de Goiânia, e no Instituto Teológico-Pastoral da América Latina (Bogotá). É assessor de catequese da CNBB e do CELAM, editor e redator da *Revista de Catequese*, autor de muitos artigos em revistas especializadas. Coordenou a redação do *Diretório Nacional de Catequese*.

Endereço: Rua Pio XI, 1100 (Alto da Lapa)
05060-001 São Paulo – SP
e-mail: lima@salesianos.org.br